

Prancha de Trabalho 6: Lugares negros na cidade de São Paulo no século XIX

Leia o seguinte trecho:

“São Paulo, Beco das Minas. Ponto de encontro noturno das vendedoras negras, escravas e forras, que no exílio desenraizador a escravidão na América praticavam sua arte tradicional do comércio ambulante e de feiras de comestíveis e gêneros de primeira necessidade. Escravas de tabuleiro, vendendo quitutes e biscoitos, alternavam-se com vendedoras livres, caipiras, mestiças, de garapa, aluá, saúvas e peixes. A troca dava-se também entre escravos: de bens de prestígio – como aguardente ou fumo – ou mágico-religiosos -, como ervas, velas, estatuetas de barro, frangos -, adquirindo um sentido além do econômico, estabelecendo relações comunitárias e recriando laços que o pequeno comércio selava e perpetuava. Na costa ocidental da África, de onde se originou uma parte dos negros que aqui aportaram como escravos, o comércio era uma prática essencialmente feminina, que além de prover economicamente o clã, tinha também um sentido social e religioso e um papel no culto tribal de ancestrais mortos. A venda nas ruas estabelecia contatos, permitia a troca de informações e garantia a sobrevivência de quilombos urbanos, lugares onde se açoitavam os escravos fugidos. Tais eram os Campos do Bexiga, naquele momento Mara do Saracura, em cujo grotão se podia sobreviver de coleta – pesca de peixes e caranguejos de água doce, palmito e iguarias do sertão que circulariam nos tabuleiros (carás cozidos, pinhões quentes, ibás, cuscuz de bagre, jabuticabas, araçás, guabiobas, grumixamas, pitangas, cambucis) – ou venda de lenha...Ou no que viria a ser posteriormente o bairro do Ypiranga, onde havia uma olaria que apoiava fugas, ou servia de abrigo provisório para aqueles que iriam descer a serra para Santos, rumo ao mar.

Outros pontos focais do território negro urbano eram os mercados (rua das Sete Casinhas e, posteriormente, mercadinho de São João, na baixada do Açu), que abasteciam os vendedores e as negras da nação; ali também se situavam os ervanários africanos, fundamentais para as práticas curativas dos pais-de-santo e obrigações de seus filhos. A região do então largo de São Gonçalo (hoje entre as ruas Riachuelo e Tabatinguera) onde se localizava um pelourinho e seu entorno, junto ao paredão do Piques – local em que paravam os tropeiros e vivandeiros que vinham dos antigos núcleos coloniais do entorno da cidade com os gêneros alimentícios, animais e artesanato para vender -, era também ponto focal da vida negra em São Paulo no final do período escravocrata.”

ROLNIK, Raquel. **A cidade e a lei: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo**. P. 62. São Paulo: Studio Nobel: Fapesp, 1997, Reimpressão 2007.